

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO E ARTES  
Fotografia, Comunicação e Memória – Prof. Boris Kossoy

MIGUEL TOMÉ VILELA

**O grito: a nova fotografia da crise climática**  
30 de novembro de 2021

São Paulo  
2021

## Justificativa

Vivemos um momento sem precedentes na história. Desde o início da Revolução Industrial, no século XVIII, lançamos tanto carbono na atmosfera, principalmente a partir da queima de combustíveis fósseis, que hoje há pelo menos um terço a mais de carbono no ar do que em qualquer momento nos últimos 800 mil – talvez até nos últimos 15 milhões de anos. Nessas épocas, anteriores ao surgimento dos humanos modernos, o nível dos oceanos era pelo menos 30 metros acima do que é hoje. Quase todo esse carbono foi emitido desde o fim da Segunda Guerra Mundial (WALLACE-WELLS, 2019, n.p.). Isso tem elevado a temperatura média da Terra e trazido consequências desastrosas para a vida neste planeta.

As informações constam no livro *A Terra Inabitável*, de David Wallace-Wells, um jornalista que reuniu centenas de publicações científicas sobre o futuro do clima em uma obra perturbadora. Listando os subcapítulos do segundo de quatro capítulos, Elementos do Caos, podemos ter uma noção do tamanho do problema: calor letal, fome, afogamento – por cheias e enchentes –, incêndios florestais, desastres não mais naturais – de tão comuns, deixaremos de chamá-los de desastre –, morte dos oceanos, ar irrespirável, pragas do aquecimento – novas doenças e epidemias –, colapso econômico, conflitos climáticos e "Sistemas" – diversas crises, como migratórias, desencadeadas por problemas climáticos.

No ritmo atual de emissões, até 2100 a concentração de carbono na nossa atmosfera deve provocar um aumento de 4°C no clima mundial, de acordo com cientistas do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas, o IPCC (2014, p. 11). Pode parecer pouco, mas, segundo algumas estimativas, “isso significaria que regiões inteiras da África, da Austrália e dos Estados Unidos, partes da América do Sul ao norte da Patagônia e da Ásia ao sul da Sibéria ficariam inabitáveis devido ao calor direto, à desertificação e às inundações” (WALLACE-WELLS, n.p.).

Desde 1980, aliás, a quantidade de ondas de calor perigosas no mundo aumentou em cinquenta vezes – e a tendência é piorar. “Atualmente, há 354 grandes cidades com máximas no verão de 35°C ou mais. Em 2050, essa lista pode aumentar para 970” (Ibid.).

Com o planeta mais quente, também será mais difícil produzir alimentos, especialmente se levarmos em conta um aumento populacional de 50% até o fim do século. Para cada grau de aquecimento, a produtividade de plantações deve cair 10%. Com 4°C de aquecimento, a safra de milho dos EUA, o maior produtor do mundo,

reduz quase pela metade. Na China, Argentina e Brasil, os três maiores produtores depois dos americanos, a produtividade cai pelo menos um quinto em cada um. (Ibid.)

Enchentes também se tornarão muito mais frequentes. Estima-se que, caso nada aconteça, 5% da população mundial sofrerá com inundações todos os anos. Desastres naturais serão tão comuns que passaremos a os chamar simplesmente de clima:

Furacões mais fortes serão comuns e teremos de inventar novas categorias para descrevê-los; os tornados virão com mais frequência, deixando rastros de destruição maiores e mais extensos. As pedras de granizo serão quatro vezes maiores do que hoje. (Ibid.)

A falta de água potável é outro problema potencial. Até meados deste século, "a disponibilidade de água doce nas cidades ao redor do mundo pode cair em até dois terços. No total, segundo as Nações Unidas, 5 bilhões de pessoas poderão ter acesso precário à água doce em 2050" (Ibid.).

Talvez não seja exagero dizer, portanto, que vivemos uma grave crise. E vamos precisar enfrentar essa crise caso tenhamos alguma esperança de deixar um mundo minimamente habitável para as próximas gerações. Essa crise é ainda mais perigosa se considerarmos a apatia com que temos historicamente lidado com ela. Apesar das sirenes, como diz Latour (2017, p. 9), estarem soando em alto volume há anos – com anúncios de desastres ambientais apoiados em evidências, argumentos e provas –, a humanidade parece não se tocar.

Now, for this worldwide crisis, no one invokes the precautionary principle in order to plunge bravely into action. This time, our very old, cautious, tentative humanity, which usually advances only by groping, tapping each obstacle with its white cane like a blind person, making careful adjustments at every sign of risk, pulling back as soon as it feels resistance, rushing ahead as soon as the horizon opens up before hesitating once again as soon as a new obstacle appears, this humanity has remained impassive. None of its old peasant, bourgeois, artisanal, working-class, political virtues seem to come into play here. The alarms have sounded; they've been disconnected one after another. People have opened their eyes, they have seen, they have known, and they have forged straight ahead with their eyes shut tight!<sup>1</sup> (LATOURE 2017, p. 10)

Esse trabalho se justifica, portanto, como mais um pequeno esforço para

---

<sup>1</sup> *Agora, para esta crise mundial, ninguém invoca o princípio precautório para entrar corajosamente em ação. Desta vez, nossa velha, cautelosa, exploratória humanidade, que geralmente avança apenas segurando, tocando cada obstáculo com sua bengala branca, como uma pessoa cega, fazendo cuidadosos ajustes em cada sinal de risco, recuando assim que encontra resistência, apressando-se à frente assim que o horizonte se abre antes de hesitar mais uma vez tão logo aparece um novo obstáculo, essa humanidade continua impassível. Nenhuma de suas virtudes de velhos camponeses, burgueses, artesãos, trabalhadores, políticos entram neste jogo. As pessoas abriram seus olhos, elas viram, elas conheceram e elas seguiram em linha reta com os olhos bem fechados.* Tradução livre.

enfrentar esse iminente desastre que as mudanças climáticas globais podem trazer. Resta, a nós comunicadores, a ingrata tarefa de transmitir a urgência do problema. Afinal, "a ciência já fez o seu papel e deu o recado – mais claro, impossível. Agora é a vez dos comunicadores de levar essa mensagem para a população em geral. E isso é um trabalho que não é muito fácil", disse Paulo Artaxo (CHAMORRO, 2021b), cientista brasileiro membro do IPCC, na ocasião do lançamento do Sexto Relatório de Avaliação (IPCC, 2021), o AR6, um documento que, desde 1990, reúne as últimas evidências científicas sobre a situação climática da Terra.

### Objetivos

Foi também no contexto do lançamento AR6 que apareceu para o mundo o objeto de estudo deste texto: a foto de uma senhora sendo evacuada de sua casa em um condomínio da ilha de Evia, na Grécia, enquanto incêndios florestais queimavam ao fundo (Figura 1).

**Figura 1** – Senhora grega



**Fonte:** Bloomberg News<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Disponível em: <<https://www.bloomberg.com/news/features/2021-08-09/ipcc-report-human-caused-climate-change-unequivocal>> Acesso em: 30 nov. 2021

Este texto pretende refletir – tomando como base essa foto, tirada pelo fotógrafo grego Konstantinos Tsakalidis, e a maneira como ela circulou nos jornais e nas redes sociais de 8 de agosto de 2021 em diante – sobre um antigo dilema de fotógrafos (não é o meu caso) e editores de foto (é o meu caso) engajados em comunicar a seriedade das mudanças climáticas: como fotografá-las se elas ainda são algo por vir? Como comunicar, através da fotografia, a gravidade e a urgência dessa tragédia? Se imaginarmos um caminho desde as primeiras previsões sobre a catástrofe climática até o momento em que começamos a sentir na pele os efeitos do aquecimento global, em que ponto desse caminho estaria a foto desta senhora grega?

Um objetivo secundário, ou um objetivo de fundo, é tentar recuperar uma lógica antiga da fotografia, a da contemplação. É certo que um dos problemas que editores e fotógrafos encontram, quando se pensa sobre a fotografia das mudanças climáticas, passa pelo que o pesquisador François Soulages chamou, em entrevista à revista *Zum*, de “terceiro momento da imagem” (SOULAGES, 2017).

Passamos de uma lógica parmenidiana a uma lógica heraclitiana da fotografia. A lógica parmenidiana é aquela do ser: “Eu vejo, observo, suspendo. Eu contemplo”. Ou seja, tenho com a fotografia a mesma relação que meus antepassados tinham quando se punham a rezar e a adorar num templo na Grécia. Hoje, não estou mais na contemplação. Estou na circulação. Torno-me eu mesmo máquina fluida. É isso que muda tudo. Antes eu podia muito bem fazer apenas uma foto, seguindo a lógica de Leonardo da Vinci. Em toda a sua vida, Leonardo pintou apenas uma quinzena de quadros, não porque não tivesse tempo ou porque não soubesse fazer, mas porque a cada vez fazia “o” quadro. Não se trata mais disso. (Ibid.)

No entanto, de vez em quando, acontece de uma imagem específica, única, destoar no meio de milhões de imagens que circulam diariamente por nossos computadores e celulares. Acreditamos que, nessas raras ocasiões, essas imagens merecem, além de algumas páginas de reflexão, serem tratadas como tratávamos a fotografia analógica: não na lógica da circulação, mas na lógica da contemplação. Este texto é, portanto, um pequeno exercício de contemplação.

### **Pesquisas sobre fotografia e mudanças climáticas**

Neste tópico, tentamos posicionar a pesquisa no campo da comunicação. A partir de uma busca no Google Scholar, vemos que há dois grupos de pesquisadores distintos no tema fotografia e mudanças climáticas. Um engloba biólogos, engenheiros, geógrafos e outros estudiosos das ciências exatas (c.f. FOX, COOPER,

1998, ROHDE, 2019, BYERS, 2007), que estão preocupados em documentar os efeitos das mudanças climáticas em ambientes naturais e biodiversidade.

O outro envolve comunicadores, em sua maioria preocupados em estudar os processos de produção e recepção de imagens sobre as mudanças climáticas (c.f. LUCCAS, 2013, MANZO, 2010, TIZUKA, DOS SANTOS RIBEIRO, 2021). Entre estes, nos chamou atenção o trabalho da bióloga, educadora e comunicadora Cristina Pontes Bonfiglioli. Em seu doutorado (BONFIGLIOLI, 2008), defendido nesta Escola de Comunicação e Artes, ela analisa os textos que davam notícia e as fotografias que ilustravam a cobertura jornalística do Protocolo de Quioto<sup>3</sup>. Para isso, vai até as primeiras pinturas rupestres para conceitualizar as imagens da natureza. Ainda antes do lançamento de *Sapiens*, de Yuval Harari (2013), ela discorre sobre como a capacidade humana de simbolizar mudou completamente nossa história.

A partir de um “falar/agir com a Natureza”, o desenvolvimento da capacidade de simbolização conduz a um “falar/agir sobre a Natureza” que se constitui, definitivamente, como algo externo ao humano e funda uma relação que irá perpetuar-se até os dias de hoje. (BONFIGLIOLI, 2008)

O que mais nos interessa para a presente pesquisa, no entanto, é a metodologia utilizada pela pesquisadora para tentar dar uma espécie de panorama de como eram as imagens das mudanças climáticas de então. A partir de buscas no Google Images por fotos relacionadas a mudanças climáticas, aquecimento global, protocolo de Quioto, efeito estufa, entre outros termos similares, Bonfiglioli classifica o resultado em quatro séries distintas (Ibid. p. 95).

As imagens da primeira série, que ela chama de Tubos, referem-se ao "aumento de emissões antrópicas de dióxido de carbono, responsável pela aceleração do aquecimento do planeta (o *Efeito Estufa*, propriamente dito). São fotografias que mostram engarrafamentos e chaminés" (Ibid. p. 99, grifo da autora).

Na segunda série, a Branca, a pesquisadora coloca as imagens que mostram os efeitos das mudanças climáticas nas paisagens naturais.

O degelo dos pólos, dos glaciares, da neve permanente de cumes e montanhas, o aumento do nível do mar, o impacto do degelo sobre a vida selvagem nos pólos, o impacto do aquecimento sobre o solo e a água doce ou na distribuição e aparência das florestas e outras formações vegetais. (Ibid. p. 99)

---

<sup>3</sup> Adotado em 1997 e em vigor desde 2005, o Protocolo de Quioto é o primeiro tratado internacional a estipular metas de redução de emissões de carbono, com foco em 37 nações industrializadas e União Europeia (PROTOCOL 2021)

As fotos da terceira série, chamada Girassóis em referência aos enormes moinhos geradores de energia a partir do vento, remetem às soluções para a crise climática: as fontes renováveis de energia, como eólica, biomassa e solar.

Sobre as imagens dessas três séries, Bonfiglioli fala de uma neutralidade científica supostamente imbuída nelas e reforçada pelos textos na notícia que as acompanham.

Supomos, em todos esses casos, que, porque a imagem fotográfica estava inicialmente acompanhada do texto da notícia (o espaço de exibição e de legitimação da verdade jornalística), as imagens possam ser diretamente relacionadas a um discurso científico (aquele que foi "pauta" do gesto fotográfico que produziu o fotograma) e que, por isso, as imagens das séries sejam "neutras" em termos de intencionalidade de significação e potencial de sentido. (ibid. p. 100)

Por último, a autora cita as fotografias fora de série, imagens-sensação, às quais ela classifica com apoio da teoria de Deleuze:

A sensação é o contrário do fácil e do lugar-comum, do clichê, mas também do "sensacional", do espontâneo etc. A sensação tem um lado voltado para o sujeito (o sistema nervoso, o movimento vital, o "instinto", o "temperamento", todo um vocabulário comum ao Naturalismo e a Cézanne) e um lado voltado para o objeto ("o fato", o lugar, o acontecimento). Ou melhor, ela não possui lados; ela é as duas coisas indissolivelmente, é ser-no-mundo, como dizem os fenomenólogos: ao mesmo tempo eu me torno na sensação e alguma coisa acontece pela sensação, um pelo outro, um no outro. Em última análise, é o mesmo corpo que dá e recebe sensação, que é tanto objeto quanto sujeito. Eu, como espectador, só experimento a sensação entrando no quadro, tendo acesso à unidade daquele que sente e do que é sentido. (GILLES DELEUZE apud BONFIGLIOLI, 2008, p. 101)

Segundo Bonfiglioli, as imagens-sensação, mesmo se relacionando com as outras séries, são mais complexas e exigem um tempo de reflexão de quem as observa. Enquanto nas séries Tubos, Branca e Girassóis as fotos sempre fazem referência ao objeto pensado, à figura, as imagens-sensação, ao contrário, possuem "o caráter irreduzivelmente sintético da sensação" (DELEUZE apud Ibid. p. 103).

Em 2008, quando Bonfiglioli defendeu seu doutorado, a temperatura média global tinha aumentado em 'apenas' 0,76°C (IPCC, 2014) em comparação à era pré-industrial, de 1850 a 1899 – hoje já estamos em 1,09°C (IPCC, 2021). O IPCC (2014) ainda não cravava a influência humana sobre o aquecimento do clima global – apesar de dar mais de 90% de chances que, sim, era culpa dos humanos. Hoje, com a concentração de carbono na atmosfera 8% mais alta que em 2008, a linguagem do IPCC (2021) é clara: "É inequívoco que a influência humana aqueceu a atmosfera,

oceano e terra. Ocorreram mudanças rápidas e generalizadas na atmosfera, oceano, criosfera e biosfera."<sup>4</sup>

Para termos um vislumbre de como essas mudanças refletiram nas imagens do clima, experimentamos reproduzir, hoje, o mesmo método de busca Bonfiglioli, incluindo as mesmas palavras-chaves no Google Image<sup>5</sup>. Muitas fotos se repetem. Estão presentes as chaminés e engarrafamentos que poderiam ser classificados na série Tubos, sobre os lançadores de carbono na atmosfera. Também as imagens de geleiras, ursos-polares solitários, solos erodidos, que entram claramente na série Branca, que fala dos efeitos da crise. Curiosamente, apareceu apenas um resultado com os moinhos geradores de energia eólica, que se encaixariam na série Girassóis.

Há, entretanto, um novo elemento que poderia entrar na série Girassóis por mostrar soluções para a catástrofe climática: as mudas de plantas, que talvez não tenham aparecido – ou não foram notadas – na pesquisa original. Não são muitas, é certo, mas são dignas de alguns parágrafos de reflexão, visto que, segundo Latour (2017, p. 12) há alguns malucos que sugerem, como solução para essa crise, acelerar a dominação do homem sobre a natureza com projetos megalomaniacos de geo-engenharia – vide a ideia de tapar o sol com poeira financiada por Bill Gates (COHEN, 2021). A aparição desse novo elemento, as mudas de plantas, coincide com o que Krenak diz ter ocorrido nos últimos cinco ou seis anos, sobre a aceitação da teoria de Gaia entre intelectuais:

James Lovelock, criador da teoria de Gaia, foi colocado para fora de um programa de pesquisa da Nasa, marginalizado pela turma que acreditava demais na teoria de Darwin. Para eles, a ideia de que a Terra é um organismo vivo era anticientífica. Até o final da década de 1990 se desprezou qualquer pesquisa que quisesse tratar esse organismo como uma coisa inteligente. Thomas Lovejoy, que é considerado o pai dos estudos da biodiversidade, e todo um grupo de pesquisadores que trabalhava sobre a teoria de Gaia foram dispersos — o status de alguns desses cientistas foi caindo até o ponto de não ter mais ninguém financiando suas pesquisas. Claro, há discípulos deles que seguem trabalhando: aqui no Brasil, por exemplo, temos o Antonio Nobre, que é um continuador dessas especulações sobre as diferentes

---

<sup>4</sup> Trata-se da primeira constatação (A1), do relatório do IPCC AR6. Original em inglês: *It is unequivocal that human influence has warmed the atmosphere, ocean and land. Widespread and rapid changes in the atmosphere, ocean, cryosphere and biosphere have occurred.*

<sup>5</sup> Em sua tese, Bonfiglioli lista as seguintes palavras-chave: Protocolo de Kyoto; Kyoto Protocol; Mudanças Climáticas; Mudança do Clima; Alterações Climáticas; Climate Change; Aquecimento Global; Global Warming; Efeito estufa; Greenhouse effect. Nossa pesquisa substituiu Protocolo de Kyoto e Kyoto Protocol por Acordo de Paris e Paris Accord para representar o mais recente tratado internacional sobre mudanças climáticas. Também optamos por reunir todas as palavras chaves em uma única pesquisa no Google (é possível que Bonfiglioli tenha feito o mesmo, mas não há detalhes sobre o método). O termo incluído na caixa de busca foi Acordo de Paris” OR “Climate Accord” OR “Mudanças Climáticas” OR “Mudança do Clima” OR “Alterações Climáticas” OR “Climate Change” OR “Aquecimento Global” OR “Global Warming” OR “Efeito estufa” OR “Greenhouse effect”

linguagens que o organismo da Terra utiliza para se comunicar conosco. Mas, nos últimos cinco, seis anos, com o agravamento da crise climática, com o planeta fervendo, esses negacionistas começaram a declinar de sua posição cética e querer entender a teoria de Gaia. Deixo isso para os incrédulos. Quem já ouvia a voz das montanhas, dos rios e das florestas não precisa de uma teoria sobre isso: toda teoria é um esforço de explicar para cabeças-duras a realidade que eles não enxergam. (KRENAK 2020)

Para Antonio Nobre, um engenheiro agrônomo treinado justamente nos números e cálculos frios da ciência dura, a solução para as mudanças climáticas não é tapar o Sol com a peneira, ou com poeira, mas uma tecnologia muito antiga: a semente.

Nós precisamos fazer um trabalho enorme de reparação de Gaia, e nos é facultado fazer esse trabalho por conta de uma tecnologia absolutamente fantástica da natureza chamada semente. As pessoas raramente param para se dar conta da semente. Claro, você come no seu cereal todo dia. Mas a semente é um milagre tecnológico – se você olhar por qualquer ângulo, se você pegar uma semente e estudá-la, entender o que tem dentro de uma semente, como ela funciona. Pegaram um sarcófago do Egito com 3 mil anos de idade, tinha sementes dentro, plantaram e germinaram. Imagina um carro parado 3 mil anos, você chegar lá e tentar dar partida no carro. Nada. Na verdade, não encontraremos um carro, vai ser uma ruína metálica irreconhecível depois de 3 mil anos. Pense, uma estrutura que tem alguma coisa viva dentro dela, tem um embrião vivo, durar 3 mil anos e você botar na terra com água, sol e germinar! Eles germinaram sementes, encontradas em um sarcófago, de uma palmeira que estava extinta na natureza. Essa tecnologia nós não temos, é a tecnologia de Gaia. (CHAMORRO, 2021a)

Outra novidade que aparece na nossa busca no Google, e esta poderia ser listada junto com as chaminés e engarrafamentos que causam as mudanças do clima – a série Tubos –, são as imagens de florestas tropicais em chamas. Se elas não apareceram na busca original de Bonfiglioli e agora são as imagens mais comuns, é possível que parte disso tenha a ver com o aumento desenfreado do desmatamento que consome a Amazônia nos últimos anos.

É certo que em 2008 o desmatamento na Amazônia, segundo dados do Prodes (2021) foi muito alto – 12.911 km<sup>2</sup> –, taxa inferior à de 2021 – 13.235 km<sup>2</sup> –, porém ainda superior à de 2020 – 10.851 km<sup>2</sup>. Mas os números vinham caindo desde o pico de 2004 – 27.772 km<sup>2</sup> –, até atingir a menor taxa em 2012 – 4.571 km<sup>2</sup> –, voltando a crescer, para não parar mais, a partir de 2013.

Em agosto de 2019, a fumaça das queimadas no maior repositório de biodiversidade do mundo – a Amazônia – escureceu até a cidade de São Paulo, milhares de quilômetros ao sul, e despertou uma comoção mundial. O presidente francês Emmanuel Macron (2019) tuitou:

Our house is burning. Literally. The Amazon rain forest – the lungs which produces 20% of our planet's oxygen – is on fire. It is an international crisis. Members of the G7 Summit, let's discuss this emergency first order in two days! #ActForTheAmazon (MACRON, 2019).

Em 2020, enquanto o mundo parou devido à pandemia do coronavírus e diminuiu em 7% suas emissões de carbono, o Brasil aumentou suas emissões em 9% em comparação com o ano anterior (SEEG, 2021). E "o principal fator a explicar a elevação foi o desmatamento, em especial na Amazônia e no Cerrado" (Ibid.).

Repetindo o procedimento de Bonfiglioli, identificamos também outros tipos de fotos que podem ter aparecido em sua pesquisa de 2008, mas que não foram contemplados pela autora: retratos de personalidades negacionistas<sup>6</sup> e imagens de manifestações pedindo medidas contra as mudanças climáticas – e aqui renderia um outro artigo sobre a influência que os primeiros protestos liderados pela criança Greta Thurnberg, *Skolstrejk för Klimatet*<sup>7</sup>, em manifestações pelo clima no mundo todo.

Por fim, aparece uma foto – que talvez seja passível de inaugurar uma nova "série" de fotos, como discutiremos – que certamente não apareceu na pesquisa do Google feita por Bonfiglioli. Lá, no fim da página, vemos a imagem da senhora grega sendo evacuada de sua casa da Grécia (Figura 2). Discorreremos mais sobre ela no próximo tópico.

### **A foto da Grécia**

Antes dessa foto aparecer na minha busca do Google, a imagem me chamou a atenção quando tive que escolher algumas fotos para apresentar no seminário Fotos da Semana, da disciplina Fotografia, Comunicação e Memória, em agosto de 2021.

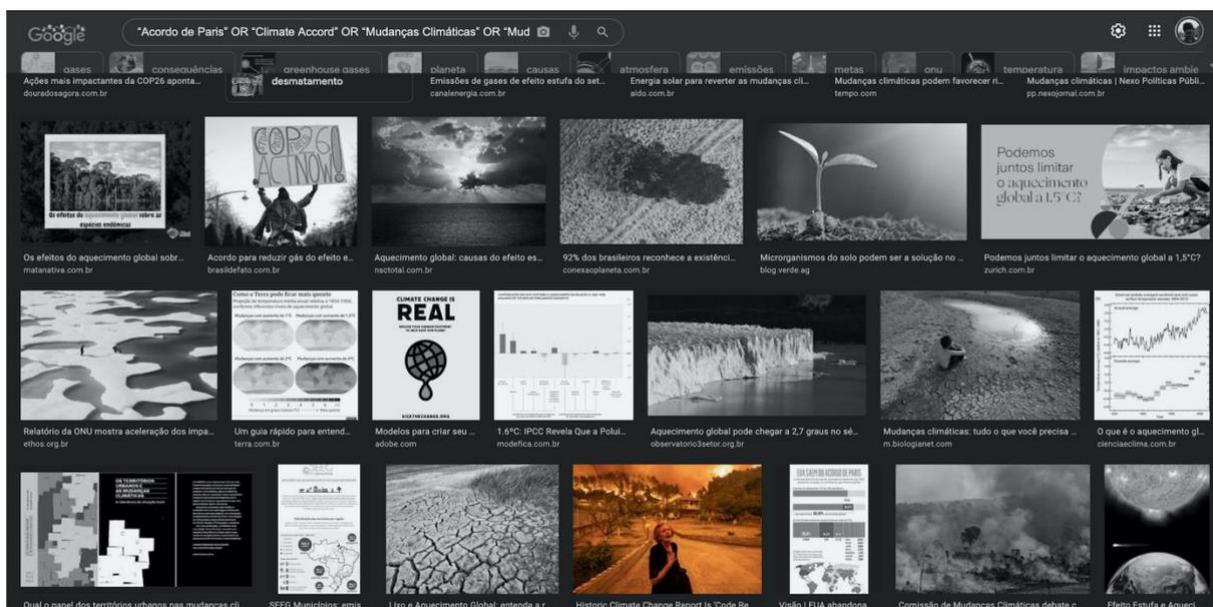
Ela foi produzida em 8 de novembro pelo fotógrafo grego Konstantinos Tsakalidis, membro da agência SOOC Photos, em um trabalho comissionado pela *Bloomberg News*. O autor a compartilhou em sua conta no Instagram (TSAKALIDIS, 2021) ainda no mesmo dia, e logo ela começou a circular. A foto é, de longe, a mais popular de Tsakalidis. Suas postagens raramente recebem mais de 1 mil curtidas – a da senhora grega, no entanto, tinha quase 80 mil em 28 de novembro de 2021.

---

<sup>6</sup> No geral, foi bastante agradável a experiência de rolar a tela analisando os resultados da pesquisa do Google. Mas um ponto negativo digno de nota, e que me surpreendeu, foi encontrar a foto do negacionista Ricardo Augusto Felício em três resultados de busca.

<sup>7</sup> Sextas pelo clima, em tradução para o português. Até hoje, Thurnberg faz uma greve semanal, em frente a sua escola em Estocolmo, pedindo por ações contra a crise climática.

Figura 2 – Resultados de busca



Fonte: Captura de tela de resultado de pesquisa com intervenção nossa.

No Brasil, nossa pesquisa a encontrou compartilhada, em 9 de agosto de 2021, pelo coletivo *Mídia Ninja* (2021) no Instagram e no Facebook. No mesmo dia, *O Estado de São Paulo* (2021) a escolheu para ilustrar uma reportagem, publicada apenas na versão online, sobre os incêndios que assolavam a Grécia havia mais de uma semana, e que já tinham levado mais de 2 mil pessoas a serem evacuadas apenas na ilha de Evia, a segunda maior do país. Não a encontramos em nenhum outro grande veículo brasileiro.

Mas, para mim, a foto apareceu pela primeira vez em 10 de agosto, no Twitter, em tuítes de usuários que compartilhavam a capa da versão impressa do jornal *The Guardian* daquele dia (GUARDIAN, 2021). O jornal inglês estampou a foto com grande destaque, acompanhada da manchete: "Global Climate Crisis: inevitable, unprecedented and irreversible"<sup>8</sup>. O texto dava notícia do lançamento do Sexto Relatório de Avaliação do IPCC, o AR6. Distribuída pelas grandes agências<sup>9</sup>, a imagem também estampou capas de outros jornais europeus, principalmente ingleses, que também publicaram reportagens sobre o documento do IPCC em 10 de agosto.

A foto viralizou. Além do sucesso nas redes sociais do fotógrafo, ela estampou uma infinidade de sites. Ao inserir a foto na busca por imagens do Google, vemos que

<sup>8</sup> Crise climática global: inevitável, sem precedentes e irrevésível. Tradução livre.

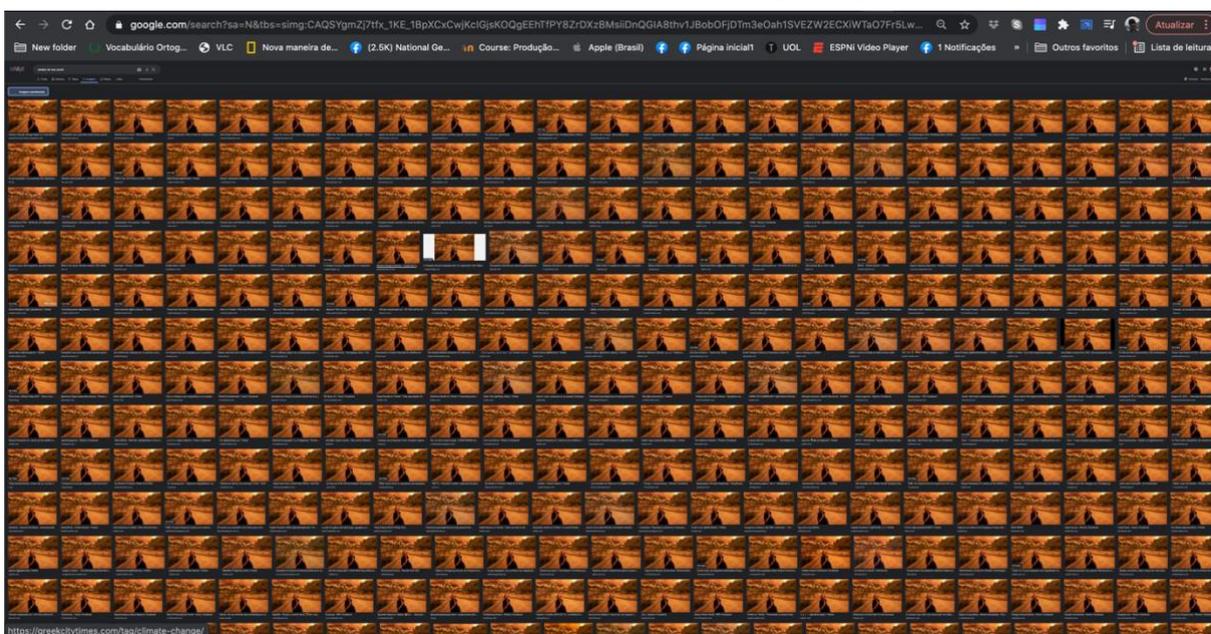
<sup>9</sup> Encontramos a imagem disponível nos sites da Associated Press e Getty Images.

ela foi publicada em pelo menos 520 sites do mundo todo (Figura 3). Ela também foi reconhecida como uma das melhores fotos de 2021 pela revista *Time* (TIME PHOTO DEPARTMENT, 2021).

Visto que ela começou a ser compartilhada antes do lançamento do relatório do IPCC, é certo que não passaria batida de qualquer forma. Mas é curioso observar quanto seu alcance e suas realidades são ampliadas depois que ela é associada às previsões nefastas dos cientistas do clima sobre o futuro do planeta. Podia ser apenas mais um fogo que acomete às ilhas gregas anualmente, afinal, como disse Thomas Smith, professor associado de geografia ambiental da Escola de Economia de Londres, sobre os incêndios que assolavam o sudeste da Europa: "As temporadas de fogo na Grécia, Itália e Turquia costumam flutuar ano a ano, e são caracterizados por uma grande temporada de fogo a cada alguns anos. Parece que este ano é um dos com uma grande temporada de fogo"<sup>10</sup> (SOMMERLAD, 2021).

O fotógrafo Konstantinos Tsakalidis conta ter se impressionado com a repercussão que a foto teve. Em entrevista publicada em 19 de agosto, disse: "Quando eu vi a foto na capa dos jornais ingleses, fiquei impressionado que a foto da Grécia, que eu havia tirado umas horas antes, conseguiu refletir a preocupação das pessoas. Fiquei impressionado que muita gente relacionou a senhora a alguém

**FIGURA 3** – Resultados de busca no Google Imagens



**Fonte:** Captura de tela de resultado de busca por imagem no Google Imagens.

<sup>10</sup> "However, it's important to note that fire seasons in Greece, Italy, and Turkey tend to fluctuate year-on-year, and are characterized by a big fire season every few years. It seems that this year is a big fire season year."

próximo, ou até mesmo ao planeta, que está ameaçado pelas mudanças climáticas" (BLOOMBERG, 2021).

A senhora da foto tampouco pensava sobre as mudanças do clima na hora do clique. "No momento da foto, as chamas vinham na nossa direção, e meu marido correu com um balde d'água para jogar água atrás da nossa casa, onde o fogo estava. Eu o perdi de vista e gritei: 'Ajuda, ajuda!'" (SIMOS, 2021), disse ela em entrevista à TV grega Star parcialmente reproduzida pelo site The Greek Herald.

Vemos, portanto, que o registro de um incêndio florestal que acontece periodicamente há muitos anos na Grécia se transformou em uma nova realidade: as mudanças climáticas globais causadas pelo homem já estão queimando o planeta Terra.

Seria esta, enfim, a *realidade da fotografia*: uma realidade moldável em sua produção, fluida em sua recepção, plena de verdades explícitas (análogas, iconográficas, sua *realidade exterior*) e de segredos implícitos (sua história particular, sua *realidade interior*), *documental porém imaginária*. Tratamos, pois, de uma expressão peculiar que, por possibilitar inúmeras interpretações, realimenta o imaginário num processo sucessivo e interminável de construção e criação de novas realidades. (KOSSOY, 200b)

O fotojornalismo, potencializado pela mistura de imagens e palavras, também tem o poder – e a responsabilidade – de construir novas realidades.

Através do uso combinado dos dois meios [palavras e imagens] cria-se uma unidade de uso comunicativo: é a "fusão que ocorre, mas não na página impressa. Ela ocorre na mente do leitor<sup>11</sup>". Segundo Hicks, "imagens e palavras juntos desempenham uma função mais efetiva do que poderiam desempenhar isoladamente"<sup>12</sup>. No entanto, sabemos bem como as fotografias podem ser contaminadas de diferentes formas pelas palavras que a rodeiam, nas legendas, textos, títulos. (KOSSOY, 2020)

### **Nova série de fotos**

Sugerimos continuar a classificação iniciada por Bonfiglioli em seu doutorado e colocar a foto da senhora grega em uma nova série, a que chamaremos de *Corpos*.

Nessa série, as fotos mostram nós, seres humanos, sofrendo os efeitos diretos das mudanças climáticas globais. Não são mais imagens frias, de uma suposta neutralidade científica, tampouco mostram o que pode acontecer no futuro caso as mudanças climáticas não sejam revertidas – mas revelam como elas já estão afetando a vida na Terra.

---

<sup>11</sup> Wilson Hicks, "What is Photojournalism", em Smith Schuneman, *Photographic Communication, Principles, Problems and Challenges of Photojournalism*, p. 20.

<sup>12</sup> *Idem*, p. 22

Essa série – cuja única foto, por enquanto, é a da senhora grega – também nos ajuda a superar o dilema das mudanças climáticas e do noema, o "Isso-foi", de Roland Barthes (1984) e a responder a pergunta sobre como comunicar, através da fotografia, a gravidade da catástrofe climática que ainda está por vir.

The temporality inscribed in the photographic evidence of “what has been,” or what Barthes identifies as the coexistence of “reality and of the past” (ibid.), proves catastrophic in the context of climate change campaigning, which necessitated action to prevent climate change before its effects could be seen. (DOYLE, 2009)

A preocupação de Doyle já não faz tanto sentido – os efeitos das mudanças do clima já podem ser vistos e foram causados por humanos. É certo que a foto da Grécia não inaugura uma documentação fotográfica das mudanças climáticas. Para Doyle, aliás, isso aconteceu ainda em 1997, quando o Greenpeace registrou o desprendimento da calota Larsen B do continente Antártico (Ibid, p. 288).

Mas é significativo que a imagem da senhora tenha servido para ilustrar as mais recentes constatações do último relatório dos cientistas do IPCC sobre a situação do clima na Terra e suas previsões para o futuro. Em uma pesquisa no Google News, podemos ver que a notícia sobre o lançamento do Quinto Relatório de Avaliação do IPCC, em 2014, é acompanhada de imagens pouco impactantes – são fotos com personalidades políticas e da ciência de terno, presentes na coletiva de imprensa que anunciou o documento, ou imagens da série Tubos, de chaminés lançando fumaça ao ar (BBC, 2014, CARRINGTON, 2014, GARCIA, 2014, SHOGREN, 2014).

Em parte, essa associação da foto da senhora grega com a crise climática global contou com o acaso. Afinal, os editores das reportagens sobre o AR6 tiveram à disposição toda uma série de fotos feitas durante os incêndios na Grécia e, em 9 de agosto, provável data em que trabalharam na produção das capas que saíram no dia seguinte, puderam acompanhar a repercussão da foto da senhora grega nas redes sociais. No entanto, se as emissões de carbono não forem reduzidas urgentemente, os editores terão à disposição cada vez mais imagens de catástrofes climáticas candidatas a entrarem para nossa nova série/classificação *Corpos*.

## **Conclusão**

A foto sobre a qual discorreremos nas últimas páginas mostra uma senhora de cabelos curtos e brancos. Ela tem 81 anos, se chama Panayiota Noumidi e está enquadrada em primeiro plano, no centro da foto, do joelho para cima. Ela veste preto,

segura algo na mão esquerda, provavelmente um casaco, e tem a mão direita espalmada no peito, na altura do coração. Sua cabeça está inclinada levemente para trás, sua boca aberta, seus olhos fechados. No segundo plano, vemos as ruas de pedestres do condomínio de onde está sendo evacuada, algumas cercas baixas e uma casa de dois ou três pavimentos à direita. No terceiro plano, uma fileira com cerca de trinta árvores, que aparentam ser pinheiros, queima violentamente. Toda a fotografia está tingida com o tom alaranjado do fogo.

A cor alaranjada das chamas, que tinge toda a imagem, principalmente a parte do céu sobre as árvores; a posição da senhora grega no quadro, no centro e em plano americano – do joelho para cima; e, por último, sua boca aberta, como se estivesse gritando, nos remete a uma obra de arte muito reconhecida: a série O Grito, do Norueguês Edvard Munch. Há algumas montagens na internet (Figura 4) que mostram o quadro de Munch e a foto de Tsakalidis lado a lado.

Além das visualmente perceptíveis, há outras semelhanças entre as imagens. É possível que, assim como a foto da senhora, o céu de Munch também tenha se originado de um evento climático. Doescher, Olson e Olsom (2004) fazem um diligente trabalho de investigação e chegam a conclusão de que Munch testemunhou a mudança na cor dos céus causada pela cataclísmica erupção do vulcão Krakatua, na Indonésia, em 27 de agosto de 1883 – o céu da Noruega, onde Munch vivia, como o

**Figura 4 – Os gritos**



**Fonte:** (MELLIU, 2021)

de vários outros países do mundo, ficou vermelho de novembro de 1883 até fevereiro de 1884.

Por fim, acreditamos que o apelo dessa imagem, o motivo dessa nova realidade – a imagem do fim do mundo – ter colado, também tenha a ver com a loucura que é viver na nossa época, algo comum à Edvard Munch.

No doubt about it, ecology drives people crazy; this has to be our point of departure – not with the goal of finding a cure, just so we can learn to survive without getting carried away by denial, or hubris, or depression, or hope for a reasonable solution, or retreat into the desert. There is no cure for the condition of belonging to the world. (LATOURE, 2017, p. 13)

O pintor norueguês, afinal, tinha vários problemas psicológicos. No fim da vida, internou-se voluntariamente em um hospital psiquiátrico, e alguns pesquisadores, baseados nos relatos de seus diários, o diagnosticaram com transtorno bipolar e ansiedade (SKRYABIN, p. 577). Em seus diários, ele descreve como se inspirou para o seu Grito, um grito que "enorme, extraordinário, que ele ouviu passar pela natureza":

I went along the road with two friends –  
The sun set  
Suddenly the sky became blood – and I felt the breath of sadness  
~~A tearing pain beneath my heart~~  
I stopped– leaned against the fence –deathly tired  
Clouds over the fjord ~~of blood~~ dripped reeking blood  
My friends went on but I just stood trembling with an open wound  
in my breast ~~trembling with anxiety~~ I heard a huge extraordinary  
scream pass through nature.<sup>13</sup>  
(EDVARD MUNCH, c. 1900 *apud* PRIDEAUX, 2005, p. 167, tachados do autor)

Talvez, assim como Panayiota Noumidi, a senhora grega, que conta estar gritando "Ajuda, Ajuda!" no momento do seu retrato, O Grito de Munch também seja um grito de socorro.

---

<sup>13</sup> *Segui pela estrada com dois amigos –  
O sol se pôs  
De repente o céu virou sangue – e senti o bafo da tristeza  
~~Uma dor rasgante embaixo do meu coração~~  
Parei – encostei na cerca – mortalmente cansado  
Nuvens sobre o fiorde ~~de sangue~~ escorreram sangue fedido  
Meus amigos seguiram mas apenas fiquei tremendo com uma ferida aberta  
no meu peito ~~tremendo de ansiedade~~ ouvi um enorme extraordinário  
grito passar pela natureza.  
Tradução nossa*

## Referências bibliográficas

BBC BRASIL. Dano causado por aquecimento global pode ser 'irreversível', diz IPCC. 2 nov. 2014. BBC Brasil. Disponível em: <[https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/11/141102\\_ipcc\\_relatorio\\_fn](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/11/141102_ipcc_relatorio_fn)>. Acesso em: 30 nov. 2021.

BLOOMBERG. The Real Story Behind This Iconic Photo. 19 de agosto 2021. Bloomberg. Disponível em: <<https://www.bloomberg.com/news/videos/2021-08-19/the-real-story-behind-this-iconic-photo-video>> Acesso em: 30 nov. 2021.

BONFIGLIOLI, Cristina Pontes. Discurso ecológico: a palavra e a fotografia no Protocolo de Kyoto. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. (2008)

BYERS, Alton C. An assessment of contemporary glacier fluctuations in Nepal's Khumbu Himal using repeat photography. Himalayan Journal of Sciences, v. 4, n. 6, p. 21-26, 2007.

CARRINGTON, Damian. IPCC: rapid carbon emission cuts vital to stop severe impact of climate change. 2 nov. 2014. The Guardian. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/environment/2014/nov/02/rapid-carbon-emission-cuts-severe-impact-climate-change-ipcc-report#:~:text=7%20years%20old-,IPCC%3A%20rapid%20carbon%20emission%20cuts%20vital%20to,severe%20imp act%20of%20climate%20change&text=Climate%20change%20is%20set%20to,of%20global%20warming%20yet%20published.>>. Acesso em: 30 nov. 2021.

CHAMORRO, Paulina. Antonio Nobre: O planeta está enfermo – é preciso 'reajardiná-lo'. 3 de fevereiro 2021. 2021a. National Geographic Brasil. Disponível em: <<https://www.nationalgeographicbrasil.com/meio-ambiente/2021/01/antonio-nobre-o-planeta-esta-enfermo-e-preciso-reajardina-lo>> Acesso em: 30 nov. 2021

CHAMORRO, Paulina. Não há plano B: precisamos de um novo sistema socioeconômico, diz membro brasileiro do IPCC. 18 de ago 2021. 2021b. Disponível em: <<https://www.nationalgeographicbrasil.com/meio-ambiente/2021/08/entrevista-paulo-artaxo>> Acesso em: 30 nov. 2021

COHEN, Ariel. “Entenda o que é o empreendimento apoiado por Bill Gates que quer jogar poeira na atmosfera para bloquear o sol”. Forbes Brasil, 18 de janeiro de 2021, <<https://forbes.com.br/forbes-tech/2021/01/entenda-o-que-e-o-empreendimento-apoiado-por-bill-gates-que-quer-jogar-poeira-na-atmosfera-para-bloquear-o-sol/>> Acesso: 30 novembro 2021.

FOX, A. J.; COOPER, A. P. R. Climate-change indicators from archival aerial photography of the Antarctic Peninsula. Annals of Glaciology, v. 27, p. 636-642, 1998

FRIEDLAENDER, Gary E.; FRIEDLAENDER, Linda K. Edvard Munch and The Scream: A cry for help. Clinical orthopaedics and related research, v. 476, n. 2, p. 200, 2018.

GARCIA, Giselle. Aquecimento global: se não houver ação imediata, será tarde demais. 2 nov. 2014. Agência Brasil. Disponível em:

<<https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2014-11/aquecimento-global-se-nao-houver-acao-imediata-sera-tarde-demais>>. Acesso em: 30 nov. 2021.

GUARDIAN, The. Guardian front page, 10 August 2021 – Global climate crisis: inevitable, unprecedented and irreversible. Twitter: @guardian. 10 ago. 2021. Disponível em: <<https://twitter.com/guardian/status/1424842387344351232>>. Acessado em: 30 nov. 2021.

HARARI, Yuval Noah. Sapiens: História breve da humanidade. Elsinore, 2013.

IPCC, 2021: Summary for Policymakers. In: Climate Change 2021: The Physical Science Basis. Contribution of Working Group I to the Sixth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change [Masson-Delmotte, V., P. Zhai, A. Pirani, S.L. Connors, C. Péan, S. Berger, N. Caud, Y. Chen, L. Goldfarb, M.I. Gomis, M. Huang, K. Leitzell, E. Lonnoy, J.B.R. Matthews, T.K. Maycock, T. Waterfield, O. Yelekçi, R. Yu, and B. Zhou (eds.)]. In Press.

KOSSOY, Boris. O encanto de Narciso: Reflexões sobre a fotografia. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2020.

KOSSOY, Boris. Realidades e ficções na trama fotográfica. 6ª edição. São Paulo: Ateliê Editorial, 2020

KRENAK, Ailton. A vida não é útil. Companhia das Letras, 2020.

LATOUR, Bruno. Facing Gaia: Eight lectures on the new climatic regime. John Wiley & Sons, 2017.

LEWIS, Lauren. The fear behind my look of anguish.... 11 de agosto 2021. Daily Mail. Disponível em: <<https://www.dailymail.co.uk/news/article-9882943/The-fear-look-anguish-Greek-woman-81-reveals-led-iconic-image-wildfires.html>> Acesso em: 30 nov. 2021.

LUCCAS, Tainá Mascarenhas de. Vida e tempo em proliferação: imagens que experimentam mudanças e climas. Dissertação de Mestrado em Divulgação Científica e Cultural, Universidade de Campinas. Campinas, SP. 2013.

MACRON, Emmanuel. Our house is burning. Literally (...). França. 22 de ago. 2019. Twitter: @EmmanuelMacron. Disponível em: <<https://twitter.com/emmanuelmacron/status/1164617008962527232>> Acesso em: 28 de nov 2021.

MANZO, Kate. Beyond polar bears? Re-envisioning climate change. Meteorological applications, v. 17, n. 2, p. 196-208, 2010.

MELLIYOU, Kiriaki. Suddenly the sky turned blood-red and I felt an exhausting pain under my heart... Twitter: @kiriakimelliou. Disponível em: <<https://twitter.com/kiriakimelliou/status/1425530824196247557?lang=bg>> Acesso em: 30 nov. de 2021.

MÍDIA NINJA. #RePost - @tsakalidis\_k Uma mulher idosa reage quando o fogo está atingindo sua casa no vilarejo de Gouves, na ilha de Evia, na Grécia, em 8 de agosto de 2021. para Bloomberg..., 9 de agosto de 2021. Facebook: MidiaNINJA.

Disponível em: <<https://www.facebook.com/MidiaNINJA/posts/2305717126253086>>  
Acesso em: 30 nov. de 2021.

O ESTADO DE SÃO PAULO. Incêndios no pior verão em 30 anos fazem 2 mil fugir de ilha na Grécia. 9 de agosto de 2021. O Estado de São Paulo. Disponível em: <<https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,incendios-no-pior-verao-em-30-anos-fazem-2-mil-fugir-de-ilha-na-grecia,70003805436>> Acesso em: 30 nov. 2021.

OLSON, Donald W.; DOESCHER, Russell L.; OLSON, Marilyn S. When the Sky Ran Red: The Story Behind the "Scream". Sky & Telescope, 2004. Disponível em: <<https://digital.library.txstate.edu/bitstream/handle/10877/4035/fulltext.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em: 30 nov. de 2021.

PRIDEAUX, Sue. Edvard Munch: behind the scream. Yale University Press, 2005.

PRODES. Monitoramento do Desmatamento da Floresta Amazônica Brasileira por Satélite. 2021. INPE. Disponível em: <<http://www.obt.inpe.br/OBT/assuntos/programas/amazonia/prodes>> Acesso em: 30 nov. 2021.

PROTOCOL, Kyoto. Kyoto protocol. UNFCCC Website. 1997. Disponível online em: <[http://unfccc.int/kyoto\\_protocol/items/2830.php](http://unfccc.int/kyoto_protocol/items/2830.php)> Acesso em: 30 nov. 2021.

ROHDE, Richard F. et al. Vegetation and climate change in the Pro-Namib and Namib Desert based on repeat photography: Insights into climate trends. Journal of Arid Environments, v. 165, p. 119-131, 2019

SHOGREN, Elizabeth. 5 Key Takeaways From the Latest Climate Change Report. 2 nov. 2014. National Geographic. Disponível em: <<https://www.nationalgeographic.com/history/article/141102-ipcc-synthesis-report-climate-change-science-environment>>. Acesso em: 30 nov. 2021.

SIMOS, Andriana. 'I lost sight of my husband': Greek woman shares the fear behind heartbreaking photo. 12 de agosto 2021. Disponível em: <<https://greekherald.com.au/news/i-lost-sight-of-my-husband-greek-woman-shares-the-fear-behind-heartbreaking-photo/>> Acesso em: 30 nov. 2021

SKRYABIN, V. Y. et al. Edvard Munch: the collision of art and mental disorder. Mental Health, Religion & Culture, v. 23, n. 7, p. 570-578, 2020.

SOMMERLAD, Joe. Why are the wildfires in Greece and Turkey so severe? 9 de agosto 2021. The Independent. Disponível em: <<https://www.independent.co.uk/climate-change/news/wildfires-greece-turkey-climate-crisis-b1899524.html>> Acesso em: 30 nov. 2021.

TIME PHOTO DEPARTMENT. TIME's Top 100 Photos of 2021. 2021. Disponível em: <<https://time.com/6123078/top-100-photos-2021/>> Acesso em: 30 nov. 2021.

TIZUKA, Michelle Mayumi; DOS SANTOS RIBEIRO, Aline. Comunicação visual acessível das mudanças climáticas e seus impactos sobre o patrimônio cultural arqueológico. PerCursos, v. 22, n. 49, p. 73-94.

TSAKALIDIS, Konstantinos. An elderly woman reacts as the wildfire is reaching her house in the village of Gouves on Evia island, Greece... 8 de agosto 2021.

Instagram: @tsakalidis\_k. Disponível em:

<<https://www.instagram.com/p/CSUoNpZKcvn/>> Acesso em: 30 nov. 2021.

WALLACE-WELLS, David. A terra inabitável: Uma história do futuro. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras. Versão digital: Apple Books. 2019

ZORZAL, Bruno; MENOTTI, Gabriel. Entrevista: o filósofo François Soulages e a estética da fotografia na era digital. 2 de outubro de 2017. Zum, revista de fotografia. Disponível em:

<<https://revistazum.com.br/entrevistas/entrevista-francois-soulages-2/>> Acesso em: 30 nov. 2021.